



# Tecendo o texto- existência de Cassiana Ferreira Nunes: desafios na apuração e na escrita do perfil jornalístico sobre uma artista pioneira<sup>1</sup>

Weaving the text-existence  
of Cassiana Ferreira Nunes:  
challenges in investigating  
and writing the journalistic  
profile about a pioneer artist

**Thalia Aparecida Gonçalves**

Jornalista graduada pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). E-mail: thalia.goncalves@aluno.ufop.edu.br

**Tamires Ferreira Coêlho**

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.



Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Líder do CICLO - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Cidadania. E-mail: tamirescoelho@ufmt.br



## Resumo

Este artigo reflete sobre as dificuldades e os desafios na escrita e apuração do perfil jornalístico a partir das impressões sobre o perfil “A mulher que teceu história”. Além disso, é realizada uma discussão sobre o perfil a partir de autores como Vilas Boas (2003), Sodré e Ferrari (1986) e sobre aspectos da entrevista como ferramenta jornalística. Aborda-se a ligação entre jornalista e personagem, despertando uma reflexão sobre o processo de produção jornalística comprometido com a preservação de narrativas e da memória de uma comunidade a partir de uma figura histórica importante, mas negligenciada por ser mulher em um cenário de valorização do artesanato produzido por homens.

**Palavras-chave:** perfil jornalístico. Apuração. Entrevista. Escrita. texto-existência.

## Abstract

This article reflects on the difficulties and challenges in writing and investigating the journalistic profile based on the impressions about the profile “The woman who wove history”. In addition, there is a discussion about the profile from authors such as Vilas Boas (2003), Sodré and Ferrari (1986) and about aspects of the interview as a journalistic tool. The connection between journalist and character is approached awakening a reflection on the journalistic production process committed to the preservation of narratives and the memory of a community from an important historical figure, but neglected for being a woman in a scenario of valorization of the crafts produced by men.

**Keywords:** journalistic profile. Investigation. Interview. Writing. text- existence.



## Introdução

Este artigo reflete sobre as dificuldades e desafios na apuração e escrita do perfil jornalístico a partir das percepções durante o processo de produção do perfil “A mulher que teceu história”, sobre a artesã Cassiana Ferreira Nunes. Nascida em 1883, a tecelã foi pioneira na arte de tecer tapetes de piteira, hoje feitos de sisal, no distrito de Cachoeira do Brumado, pertencente à cidade de Mariana-MG. Apesar disso, teve sua história silenciada pela comunidade e poucos sabem ou falam dela.

O perfil que será discutido integra o livro “Mãos que contam histórias: vida e obras de artesãos cachoeirenses”, apresentado à Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo em 2019. Na obra são abordadas, a partir dos perfis jornalísticos, as histórias de cinco artesãos de Cachoeira do Brumado: Cassiana Ferreira Nunes, Mário Ramos Eleutério, Artur Pereira, Adão de Lourdes Cassiano e Geraldo José Teixeira, sendo que os três primeiros personagens já faleceram.

A motivação da pesquisa e do trabalho experimental foi a constatação de que não há muitos registros sobre a história do distrito, suas tradições e personalidades — além de isso ser uma demanda frequente dos moradores de Cachoeira do Brumado e uma inquietação particular da autora do perfil, que é da comunidade. Além disso, outra inquietação que atravessou a pesquisa foi o questionamento sobre como a história do distrito, suas personalidades e modos de viver, tradições, cultura e artesanato seriam contados às futuras gerações, uma vez que essas histórias são narradas, na maioria das vezes, de forma oral.

É preciso ressaltar que a escolha do artesanato como recorte do trabalho se dá devido ao distrito de Cachoeira do Brumado ser conhecido em cenário regional e nacional por sua produção artesanal, especialmente por suas panelas de pedra-sabão. No entanto, a principal razão são os laços da repórter com a comunidade e o artesanato local, uma vez que é cachoeirense, sua família sempre trabalhou com o artesanato feito na comunidade e, ainda criança, aprendeu a tecer os tapetes de sisal



— tradicionais da comunidade e introduzidos no distrito por Cassiana no século XX. Apesar de não saber, a relação entre autora e fenômeno pesquisado começou, indiretamente, desde a infância, quando teceu as suas primeiras linhas.

Trazer essa revelação à tona, mais do que uma tentativa de honestidade junto ao leitor, faz com que a jornalista se coloque em seu texto e mostre que este não é um tecer de tramas apenas sobre Cassiana, mas também sobre quem escreve acerca dela. Como afirma Ida Mara Freira (2014, p. 568), entrelaçando as histórias de mulheres negras que fazem parte da sua vida, “torno-me também tecelã, teço este texto-existência”. A metáfora do texto-existência é potente porque ajuda a materializar essa concepção de construção jornalístico-literária que não diz apenas de Cassiana, mas também diz muito sobre a autora de seu perfil.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o perfil jornalístico e os seus processos de produção (apuração e escrita) a partir de experiências e desafios vivenciados ao narrar a história da tecelã Cassiana Ferreira Nunes, bem como o fato de a personagem ter falecido em 1959 e não haver muitos registros sobre ela, nem pessoas que a conheceram.

## A Centralidade da Entrevista para Apurar e Escrever o Perfil

Diferente de um texto jornalístico factual, o perfil tem como principal objetivo apresentar ao leitor um personagem e a sua história, e não noticiar um acontecimento em si. No entanto, o gênero pode ser apropriado para abordar assuntos de interesse público. Assim como faz Maia, recusa-se aqui “a visão defendida por alguns de que ao jornalismo seria reservado tão somente o espaço do presente e do efêmero” (2020, p. 132).

No caso deste artigo, são abordadas percepções sobre o artesanato local e sua história através dos perfis, especialmente, do texto centrado em Cassiana. Sobre isso, Silva (2010, p. 404), ao contextualizar o auge da publicação de perfis na década de 1960 no Brasil, afirma que



Os feitos que movimentavam a sociedade não eram mais descritos como algo generalizante, os jornalistas buscavam indivíduos que, a partir de trechos da sua história relacionados ao fato, pudessem representar o todo. E aqueles sujeitos que recorriam à notoriedade, encontravam na mídia o lugar perfeito para promoverem a sua existência e capacidade de se auto-afirmar. Os repórteres, aproveitando-se dessa sede de espetáculo, começaram a dar um novo molde ao perfil, mais próximo ao que hoje se lê. (SILVA, 2010, p. 404).

Por ser uma narrativa mais curta, o perfil se diferencia de uma biografia ao abordar apenas certos detalhes da vida do personagem, por exemplo, algum trabalho que realizou ou conquista. Dessa forma, não tem a intenção de retratar a vida de uma pessoa em sua totalidade nem de se aprofundar em certos aspectos da sua vida como, geralmente, ocorre na biografia.

A pauta do perfil é o personagem que, segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), pode ser de três tipos: o personagem-tipo, o personagem-indivíduo e o personagem-caricatura. O personagem-tipo seria aquele que já tem algum status de celebridade e fama, como jogadores de futebol, cantores, atores, políticos, etc. Por isso, ainda que o repórter busque um contraponto, o texto dificilmente traz muitas novidades ao leitor, por se tratar de um personagem já conhecido.

Por sua vez, o personagem-indivíduo seria aquele em que “o retrato é mais psicológico do que referencial — o interesse recai sobre a atitude diante da vida, seu comportamento, a peculiaridade de seu modo de atuação”, enquanto os personagens-caricatura seriam “sujeitos estranhos, de gestos grotescos e mirabolantes, com acentuada tendência para a exibição” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 136).

Ainda de acordo com Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 129-131), é possível escrever um perfil de três maneiras distintas. São elas: o perfil com o discurso direto, que é construído predominantemente pelas falas do entrevistado e sem as impressões do repórter sobre o personagem, como em uma entrevista pingue-pongue; o perfil com o discurso indireto, construído exclusivamente a partir das percepções do jornalista; e, por último, o perfil que seria uma combinação dos dois discursos. Nesse caso, teríamos um



narrador que desconhece seu personagem e relata a experiência do encontro no momento em que se dá. Trazendo a experiência para o presente, o texto intensifica a impressão de realidade, ao mesmo tempo em que compartilha com o leitor a descoberta do caráter do entrevistado (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 131, grifo dos autores).

Independentemente de seguir uma classificação ou não para o personagem retratado, é consenso que “o jornalismo tem no personagem o centro do perfil” (SILVA, 2010, p. 406). Dessa forma, segundo a autora, a partir do perfil podemos obter “verdadeiros retratos jornalísticos baseados na vida cotidiana, configurando-se num bom revelador do estilo da época e dos atores que elaboram o conhecimento coletivo” (SILVA, 2010, p. 406), como ocorreu ao perfilar Cassiana. A partir da sua história, mesmo diante de muitos desafios, foi possível conhecer mais sobre a origem de um dos artesanatos típicos da comunidade cachoeirense.

Por ter o personagem como foco, o perfil não segue o modelo da pirâmide invertida, possibilitando ao jornalista uma escrita mais livre e sem as amarras das técnicas de redação, a partir das observações e percepções do repórter sobre o perfilado. Afinal, como afirma Sérgio Vilas Boas (2003, p. 10), “o perfil é um gênero jornalístico. Sem o Literário, no entanto, o perfil não hipnotiza”.

Para Fabiano Ormaneze (2013, p. 2), o perfil estaria relacionado com o Jornalismo Literário, que, por sua vez, tem como principal característica a linguagem. Assim,

é essa concepção que torna possível uma abordagem do real, do observável e checado pelo repórter de uma maneira criativa, que fuja aos moldes tradicionais, consolidados pelo lide e a pirâmide invertida. Essa possibilidade de o jornalista construir o seu texto com liberdade estilística existe em razão da concepção de que o sujeito é, por natureza, dotado de subjetividade e historicidade. Entendê-lo como possível de objetividade, neutralidade e isenção é uma falácia, porque seria uma incoerência em relação à própria constituição do ser humano. (ORMANEZE, 2013, p. 2).

Dessa forma, a humanização do protagonista no texto é uma característica essencial no perfil. Entretanto, ela não pode ser entendida somente como a valorização da experiência do outro, mas também do jornalista e do leitor, como é proposto por Fabiano Ormaneze (2013, p. 2-3), ao citar Sims



e Kramer (1995), na “triade da humanização no Jornalismo Literário”. Assim, segundo os autores, a humanização se daria da seguinte forma: o repórter, mais do que contar sobre o sujeito perfilado, teria a possibilidade de se colocar na narrativa e compartilhar as suas experiências, sua voz, angústias e medos no processo de apuração e escrita; o personagem, por sua vez, pode ser mostrado com precisão, com maior número de informações e detalhes possíveis; e, por último, há a identificação ou não do leitor com o personagem retratado no texto. O perfil, como “composição textual discursiva do sujeito a partir de determinadas angulações que traduzem as perspectivas adotadas na escolha do perfilado, na captação e na edição”, depende da “mediação do autor/jornalista” (MAIA, 2020, p. 52).

Mais do que essencial, é através da humanização do sujeito que o perfil gera empatia. É por meio dela que tentamos nos colocar no lugar do personagem, conhecer as suas emoções, compartilhar medos, felicidades e sonhos. É também a empatia (ou a falta dela) que arremata o ciclo relacional entre jornalista-personagem-texto-leitor. Nas palavras de Vilas Boas:

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê). (VILAS BOAS, 2003, p. 14).

A apuração para a escrita do perfil pode interferir na conquista de empatia pelo seu personagem. Isso se dá, na maioria das vezes, através da entrevista. Segundo Mariano (2015, p. 195), a entrevista pode ser entendida como “uma situação de interação verbal por meio de perguntas e respostas, com um objetivo específico”. Ela também é, no jornalismo, uma prática fundamental para a coleta de dados e a apuração dos fatos. É a partir dela que ocorre a verificação das informações e que o repórter tem o contato com os personagens envolvidos e pode escutá-los.



Como dito anteriormente, o personagem é o foco principal de um perfil. No entanto, para apresentá-lo ao leitor, é preciso, primeiramente, que o jornalista tenha contato e crie uma aproximação com o protagonista, a fim de conhecê-lo antes de traçar o seu perfil. Para isso, o profissional “vai para a rua” e inicia o processo de apuração, pois, “com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia” (KOTSCHO, 2007, p. 12).

Por se tratar de uma técnica jornalística, a entrevista geralmente é vista como uma situação formal. Consequentemente, muitas vezes pode gerar receio na fonte, ao se sentir, por exemplo, intimidada pelo gravador ou câmera fotográfica, dificultando a relação entre entrevistado e entrevistador, causando um certo distanciamento entre ambas as partes. Para Maia (2020, p. 52), é necessário que o jornalista se dispa de “gramáticas profissionais fossilizadas”, “criando condições para escavar a vida de alguém e, tal qual um paleontólogo, conseguir, de maneira delicada e paciente, recolher as impressões que irão delinear o perfil a ser publicado”.

Bourdieu (1997), ao discorrer sobre as violências simbólicas capazes de afetar as respostas de uma entrevista, afirma que

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é em primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de intrusão sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca (especialmente pela maneira de se apresentar a pesquisa, pelos estímulos dados ou recusados, etc.) é tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca. É efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que o pesquisador tem em mente, que este pode tentar reduzir as distorções que dela resultam, ou, pelo menos, de compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras. (BOURDIEU, 1997, p. 695).

Caputo, ao se apropriar desse conceito de Bourdieu, enfatiza também que a presença dos equipamentos de gravação de áudio ou imagem pode alterar o comportamento do entrevistado, que já



não agirá mais de forma natural e espontânea, mas modificará o seu comportamento podendo, por exemplo, “omitir informações fundamentais pelo fato de saber o que está sendo gravado [...] Tanto a máquina fotográfica como o gravador podem causar timidez em uns, exibicionismo em outros” (CAPUTO, 2006, p. 28).

Bourdieu (1997, p. 697) ainda reflete sobre como gestos, olhares e acenos do jornalista durante uma entrevista podem se caracterizar como uma violência simbólica e interferir nas respostas e comportamentos da fonte, uma vez que, por mais que busque a isenção, ele age muitas vezes como um “laboratorista que revela uma foto” (CAPUTO, 2006, p. 28).

Para o autor, esses sinais de *feedbacks* podem chegar ao ponto de qualquer momento de desatenção do entrevistado ser suficiente para causar embaraço e fazer com que ele se perca em sua fala. Bourdieu destaca ainda que, quando colocados em momentos certos, esses gestos “atestam a participação intelectual e afetiva do pesquisador” (BOURDIEU, 1997, p. 695). Por sua vez, Caputo (2006, p. 28) destaca que os sinais de desaprovação à fala do entrevistado, podem levá-lo a mudar as suas respostas. Por essa razão, Bourdieu destaca que é preciso se esforçar para “dominar os efeitos (sem pretender anulá-los); quer dizer, mais precisamente, para *reduzir ao máximo a violência simbólica que se pode exercer através deles*” (1997, p. 695, grifos do autor).

Comportamentos como esses podem ocasionar um distanciamento na relação entre jornalista e personagem, o que, no perfil, pode comprometer a qualidade do texto, uma vez que “ela também está atada ao sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir” (VILAS BOAS, 2003, p. 13-14).

Silva (2010, p. 408), ao discutir sobre a entrevista no processo de escrita do perfil, afirma que ela se tornou “uma etapa fundamental na elaboração do perfil, pois através dela como instrumento metodológico, foi possível angariar o espaço necessário para o jornalista buscar aproximação e narrar densamente o encontro com o seu entrevistado”. Portanto, temos na entrevista com o personagem ou



pessoas que convivem com ele o principal fio condutor da apuração para o perfil, já que, muitas vezes, o que interessa ao repórter é a imagem que o protagonista traça de si.

Apesar de ser o fio condutor, a entrevista não é nem deve ser o único meio de apuração para o perfil e outros textos jornalísticos. Maciel (2006, p. 7 *apud* MARIANO, 2015, p. 195), ao falar sobre o processo de apuração nas práticas do jornalismo, propõe um tripé que seria a base do processo de levantamento e checagem dos dados, que pode e deve também ser utilizado no perfil: as fontes humanas, as fontes documentais e a observação. Contudo, como Mariano (2015, p. 195) ressalta, “esse tripé nem sempre será acionado, pois nem sempre há documentos a serem apurados, tempo disponível ou interesse. Da mesma forma, a observação pode não ser praticada”, o que se aproxima do perfil que serve como base de discussão neste artigo.

## Desafios e Processo de Escrita do Texto-Existência de Cassiana Ferreira Nunes

Ao escrever um perfil, muitas vezes, o repórter utiliza elementos literários como a descrição, narração, metáforas e comparações para enriquecer e envolver o leitor na narrativa — o que não quer dizer que, por isso, é um texto ficcional. Isso ocorre pois, para escrever um perfil, é preciso que o jornalista realize uma apuração detalhada sobre o sujeito a ser retratado, da mesma forma que acontece em todas as produções jornalísticas. Afinal, o repórter tem o compromisso com o público e a veracidade dos fatos, uma vez que “a notícia é construída no cuidado com a verificação, sobre o alicerce do levantamento de informações” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 71) e, nesse caso, o personagem em si seria o “noticiável”.

É também durante a entrevista que o repórter está “frente a frente” com o seu protagonista, conhece sua história, trabalho, angústias e sonhos para retratá-los ao público. É no momento do encontro que o jornalista terá a oportunidade de perceber detalhes importantes da personalidade e do



estilo de vida do seu protagonista que enriquecerão a narrativa e passarão ao leitor uma visão mais ampla e completa sobre o perfilado.

No entanto, como trazer essa abordagem para o texto quando não é possível realizar esse encontro e entrevistar o perfilado? Um exemplo famoso de perfil escrito sem ter tido contato direto com o personagem é *Frank Sinatra has a cold*, de autoria de Gay Talese (1966). No texto, o jornalista seguiu os passos do cantor e conversou com as pessoas que conviviam com ele em seu cotidiano para traçar seu perfil. No entanto, o que diferencia o trabalho feito por Gay Talese e pela autora do perfil de Cassiana, para além de Frank Sinatra ser uma pessoa pública e conhecida mundialmente, é que o artista estava vivo e havia uma riqueza de informações sobre ele, diferentemente do que ocorreu com Cassiana, falecida em 1959, no perfil “A mulher que teceu história”.

Por isso, um questionamento e uma das grandes dificuldades em tecer o texto-existência (FREIRE, 2014) sobre a tecelã foi: como escrever sobre uma pessoa desconhecida, sobre quem não há muitas informações e quando nem há pessoas que possam falar sobre ela?

Fabiano Ormaneze (2013, p. 3), apropriando-se dos pensamentos de Sims e Kramer (1995), ao refletir sobre o Jornalismo Literário, afirma que, no intuito de contar um fato a partir da trajetória de alguém, o repórter precisará de um tempo maior para a apuração, realizando assim a chamada “imersão na realidade”. Para o autor, isso é necessário porque, “numa abordagem distanciada do personagem, sem conhecer o espaço em que ele vive, trabalha ou as pessoas que estão ao seu redor, é impossível mostrá-lo em plenitude, como centro de uma narrativa” (ORMANEZE, 2013, p. 3).

Entretanto, estamos aqui diante de uma personagem que faleceu há mais de 60 anos, dificultando a execução de uma imersão em sua realidade, pois não é possível entrevistá-la, nem se aproximar do estilo de vida e contexto que a constituem. Então, como tornar esse processo exequível?

Cassiana Ferreira Nunes foi a primeira pessoa a fazer os tapetes de piteira em Cachoeira do Brumado. Pioneira dessa arte, sua história e seu feito são pouco conhecidos pelos moradores do distrito



— inclusive pela jornalista, que só soube da sua história durante o processo de escrita do projeto do TCC. Porém, a dificuldade de representar Cassiana em um perfil não se resume apenas no desconhecimento dos cachoeirenses sobre ela, mas também na falta de documentação, fotografias e objetos que pertenceram a ela.

Por essa razão, à exceção de seus familiares, pouquíssimas pessoas na comunidade têm alguma informação sobre ela e sobre algo além do seu pioneirismo. Esse foi o primeiro desafio enfrentado durante o processo de produção, já que não foi possível ter uma maior variedade de entrevistados para falar sobre Cassiana, restringindo-se, especialmente, a uma das suas netas, que se tornou a principal fonte do texto.

No entanto, apenas as lembranças dessas pessoas sobre Cassiana não são suficientes para representá-la em um perfil, principalmente, porque dados como data de nascimento, informações sobre os seus pais ou sobre quando ela se casou não eram conhecidos pelas pessoas entrevistadas. Além disso, as lembranças delas sobre Cassiana são apenas um recorte, baseado em suas interpretações de quem foi a tecelã. Dessa forma, muito do que foi narrado pode não condizer com fatos comprováveis, especialmente, porque

as lembranças não são um relato apaixonado ou desapaixonado de uma realidade que desapareceu, mas um renascimento do passado, quando o tempo se volta para trás. Antes de mais nada, é uma criação. Ao contar, as pessoas criam, “escrevem” sua vida. Acontece inclusive de “acrescentarem” e “reescreverem” passagens. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 13).

O que realmente interessou para a construção do perfil de Cassiana e dos outros personagens do livro “Mãos que contam história: vida e obra de artesãos cachoeirenses” foram as narrativas relatadas. Nas palavras de Bosi (2010, p. 37, grifo da autora),

a veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso



interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na sua história de vida.

Apesar disso, o rigor jornalístico foi seguido ao longo da apuração, a fim de checar os dados à medida do possível. Por essa razão, buscou-se fontes documentais nos arquivos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, no Cartório de Notas e Registro de Cachoeira do Brumado e no Cartório de Registro Civil de Mariana. Vale ressaltar que essas pesquisas também apresentaram dificuldades, pois houve contato, majoritariamente, com documentos velhos, rasgados, rasurados e até ilegíveis.

Mesmo assim, durante o processo de apuração, constatou-se que, mais do que “apagada” na memória dos cachoeirenses, Cassiana é também esquecida nos documentos. O único registro disponível foi o de óbito, no Cartório de Notas e Registro de Cachoeira do Brumado. Entretanto, estava rasurado e apresentava uma nota informando que a data de falecimento havia sido registrada errada, para, em seguida, colocar a data tida como correta.

Nos demais arquivos, nada foi encontrado. Isso porque o Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição só mantém na comunidade documentos datados a partir de 1920. Já no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, o livro mais recente sobre Cachoeira do Brumado reúne os batizados realizados entre 1871 e 1882. Ainda, nenhuma certidão de Cassiana foi localizada no Cartório de Registro Civil de Mariana. Dessa forma, concluiu-se que ela talvez nunca tenha sido registrada — fato que era bem comum para aquela época.

Diante disso, a maior dificuldade estava no fato de que o tripé da checagem de dados, proposto por Maciel (2006, p. 7 *apud* MARIANO, 2015, p. 195), não pôde ser contemplado em sua totalidade para esse perfil. Sem a jornalista ter conhecido a protagonista ou ter tido a oportunidade de se encontrar com ela e ter as suas próprias percepções, juntamente com a escassez de dados, tudo o que se sabe foi narrado por outras pessoas. Sendo assim, não foi possível trazer a voz de Cassiana para o texto que pretendeu retratá-la.



Logo, as informações obtidas podem não representar a verdade sobre quem foi Cassiana, mas sim a forma como as fontes ouvidas desejam que ela fosse representada, revelando mais sobre os entrevistados do que sobre a protagonista. Para Mariano (2015, p. 203), “sobre as mentiras, fabulações e recriações dos entrevistados, podemos afirmar que todos são também, cada um do seu jeito, contadores de histórias. Imersos, assim como os jornalistas, no caldeirão de ‘estórias’ socialmente compartilhadas”.

Esses desafios e dificuldades enfrentados durante a apuração se refletiram também no processo de escrita. Desde informações básicas, como a data do seu nascimento, até detalhes sobre a sua personalidade, opiniões, crenças e até mesmo a verdadeira história sobre a razão que a levou a começar a tecer tapetes, nada disso foi obtido e nunca será revelado, representando uma lacuna de dados que não é possível de se preencher.

Essas dificuldades de apuração refletiram diretamente na escrita do perfil sobre a tecelã, causando ansiedade, dúvidas em relação ao trabalho e bloqueio criativo. Ao mesmo tempo, se reconhecia a importância de narrar a história de Cassiana: uma mulher que desempenhou um papel importante para toda uma comunidade e o seu artesanato, no entanto, que foi silenciada em um cenário em que a produção artesanal feita pelos homens é a que mais se destaca em âmbitos regional e nacional.

Luis Felipe Silveira de Abreu, André Correa da Silva de Araújo e Alexandre Rocha da Silva (2016, p. 63), ao falarem sobre as dificuldades da escrita do perfil, afirmam que

a problemática do perfil é, como observamos, escrever o outro. Mais que os dados e os fatos, as opiniões e as estatísticas, interessa-o escrever aqueles que movimentam estas circunstâncias. Esta escrita, porém, é constrangida por contingências das mais variadas ordens. Há questões do próprio jornalismo, cuja relação com a alteridade é historicamente ruidosa — os encontros com o outro ocorrem, se tanto, nas brechas do discurso, para usarmos o termo de Fernando Resende (2009). Concomitante a este problema, a escrita do outro defronta-se com as dificuldades impostas pela narrativa escrita. Trata-se de traduzir a vida para os termos do texto. O esforço



hercúleo desta tarefa e o atrito aí perceptível nos levam a questionar a possibilidade de tal empreitada. O perfil assume-se enquanto escrita da vida, relato dos fatos de uma existência, e os recursos formais que apontamos como constitutivos do gênero são menos malabarismos estéticos do que estratégias de enfrentamento deste problema: Como irei escrever uma vida? (ABREU; ARAUJO; SILVA, 2016, p. 63, grifo dos autores).

O desafio de tecer as tramas da vida de alguém e sua existência materializada em texto é enorme. Por mais que não seja preciso seguir uma fórmula, como *lead* e pirâmide invertida, encontrar qual será o gancho utilizado no texto e o caminho a ser percorrido naquela representação nem sempre é fácil ou está dado, especialmente quando é preciso se reinventar para suprir a ausência de dados básicos.

Vilas Boas (2003, p. 13-14), ao falar sobre os processos de criação do perfil, afirma que neles são combinados cinco elementos: memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos. Baseando-se nesses elementos, buscou-se construir a narrativa para o perfil da artesã, sobretudo por meio da imaginação respaldada em dados apuráveis, mas não capturáveis com maior precisão.

Para isso, tentou-se traçar fatos em comum que a repórter e a protagonista poderiam ter para além do fato de serem mulheres e cachoeirenses: o tecer. Assim, como estratégia narrativa, se construiu o texto-existência de Cassiana a partir da metáfora do tecer, seja atinente aos tapetes ou às tramas.

Dessa forma, foram utilizados conhecimentos prévios sobre o que significa tecer, em Cachoeira do Brumado, a história dos tapetes iniciados por Cassiana e, principalmente, memórias afetivas da repórter em momentos compartilhados com mulheres de sua família enquanto tecia. E, nesse encadeamento de tramas, foi tecido, juntamente com Cassiana, o próprio texto-existência da autora do perfil, ao revelar em seu texto também seus afetos. Destacam-se alguns trechos do trabalho realizado:

Tecer. Verbo transitivo direto que quer dizer “entrelaçar regularmente os fios; fazer (tela ou tecido) com os fios”. Em Cachoeira do Brumado, esse verbo se torna feminino e vai além das definições do minidicionário Aurélio para significar arte, beleza, cultura,



tradição, mas, sobretudo, histórias. Histórias que são passadas de geração para geração no ato de tecer, que são construídas e narradas no cotidiano; histórias de vidas que se ergueram com o dinheiro dos tapetes de piteira e sisal. Dentre todas elas, tem uma que é apagada e quase nunca é contada nesse tecer das tramas... A história de Cassiana Ferreira Nunes.

[...] 136 anos se passaram desde o seu nascimento. Quase cem anos separam o seu pioneirismo do meu. É que, se ela foi a precursora que teceu os primeiros tapetes de piteira, eu sou pioneira no tecer (de parte) das suas tramas. Mas não pense que foi uma tarefa fácil. Foi preciso um período de exatos 81 dias somente de escrita. Nesse tempo, uma artesã, sozinha, poderia ter feito cerca de 40 tiras<sup>2</sup>. (GONÇALVES, 2021, p. 23).

Ao longo do texto, metáforas, comparações e especulações foram utilizadas como recursos literários para costurar o que foi possível saber da história de Cassiana, alinhando a história dos tapetes, passando pelo surgimento do artesanato, suas modificações de formato, cores e matérias ao longo dos anos na comunidade, até se tornar patrimônio reconhecido.

Para além das dificuldades de apuração e, conseqüentemente, de escrita, existiram também desafios para representar de forma imagética a tecelã, visto que não existem fotografias dela. Diante disso, foi preciso recorrer à ilustração de retratos falados de Cassiana, a partir das características narradas por sua neta.

## Considerações finais

Escrever um perfil, assim como qualquer outro trabalho jornalístico, pode apresentar dificuldades e desafios em relação à apuração e escrita, que serão experimentadas de formas distintas, dependendo de quem é o personagem, das informações disponíveis sobre ele e também de fatores relacionados ao próprio jornalista.

No entanto, o maior desafio da experiência relatada neste artigo se deu à medida que se tratava de um perfil póstumo, em que não houve nenhum tipo de contato com a personagem retratada. Trata-

---

<sup>2</sup> Tira é o nome dado ao tapete de sisal que tem 100cm de largura por 150cm de altura. Segundo a artesã Efigênia da Conceição Ramos, entrevistada durante a pesquisa, são necessários cerca de dois dias para tecer uma tira.



se de algo ainda pouco discutido no âmbito teórico/acadêmico e pouco usual nas redações, onde é mais comum a escrita do obituário. Por isso, foi preciso se reinventar e aprender com a prática sobre como suprir as lacunas existentes, em um processo de grande aprendizado sobre a prática jornalística e, especialmente, sobre o texto no perfil e sua potência para experimentações.

A ligação direta e indireta da jornalista com esses personagens e suas histórias despertou também um processo de reflexão sobre quem ela é, o lugar que ocupa e seu próprio processo criativo durante a produção do livro de perfis. Por isso, para cada perfil escrito, há também um pequeno texto, próximo ao que Eliane Brum faz em “O olho da rua” (2017), onde há reflexões sobre o processo de apuração e escrita, além de fatos que marcaram o processo. É nesses textos que a autora se coloca mais livremente na narrativa e mostra ao leitor aquilo que a afetou (e ainda afeta), em uma tentativa de aproximação.

Além disso, escrever o perfil sobre Cassiana foi também um ato de resistência e de reconhecimento de sua memória, de seu legado. Ela, que foi pioneira em um dos artesanatos mais importantes de Cachoeira do Brumado, proporcionou uma independência financeira a mulheres de várias gerações, por menor que tenha sido, ao iniciar a produção dos tapetes. Por isso, falar sobre Cassiana é também resistir, afirmar a sua existência e o seu legado para a comunidade cachoeirense, preservando uma personagem negligenciada diante de desigualdades de gênero que se entrelaçam culturalmente às práticas artesanais. Como escrito na última frase do perfil: “O tecer, assim como o escrever, é (r)existir”.

Dessa forma, como ressaltado por Freire em seu ensaio sobre as “Tecerãs da existência”, que dialoga com a experiência de escrever sobre Cassiana: “Nas tessituras do silêncio, encontro com a lembrança do gesto daquele que se foi. Escrevo sem pensar no sentido do gesto, mas me ocupo do vazio que ele me deixou e me percebo esvaziada” (FREIRE, 2014, p. 579-580). Nas tecelagens do silêncio, foram escritos os textos-existências de Cassiana e da autora do perfil.



## Referências

- ABREU, Luis Felipe Silveira de; ARAUJO, André Correa da Silva de Araujo; SILVA, Alexandre Rocha da. Do perfil jornalístico à escrita biográfica: vida em detalhes. In: **Contemporanea: Revista de comunicação e cultura**, v.14, nº 01, jan - abr de 2016, p. 55-71.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 16ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. 2ª ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevista: teoria, prática e experiências**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2006.
- FREIRE, Ida Mara. Tecelãs da existência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22 (2): 304, maio-agosto/2014, p. 565-584.
- GONÇALVES, Thalia. **Mãos que contam histórias: vida e obra de artesãos cachoeirenses**. Ouro Preto: Edufop, 2021. No prelo.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. Editora Ática: São Paulo, 2007, 4ª ed., 7ª impressão.
- MAIA, Marta. **Perfis no jornalismo: narrativas em composição**. Florianópolis: Insular, 2020.
- MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Verdade e ficção na produção jornalística: entrevista e memória. In: **Revista Eco Pós**, v. 18, nº 2, 2015, p. 193 - 205.
- ORMANEZE, Fabiano. O gênero perfil à luz dos valores-notícia: uma contribuição ao ensino de Jornalismo Literário. **Anais...** VI Encontro Paulista de Professores Paulista, São Paulo (SP), 26 e 27 de abril de 2013, p. 1-15.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: Métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- SILVA, Amanda Tenório Pontes da. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 7, p. 403-412, julho/dezembro de 2010.
- SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- TALESE, Gay. **Frank Sinatra has a cold**. Revista Esquire, 1966.
- VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2003.